

## **LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: o que dizem as professoras que fazem uso do Porta Aberta (PNLD 2022)**

Debora Djully Gomes da Paz<sup>1</sup>  
Maria da Conceição Lira da Silva<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo buscou compreender os impactos causados pela implementação do Programa Nacional do Livro e do Material didático 2022 nas práticas de professoras do último ano da Educação Infantil. Como procedimentos metodológicos analisamos o volume 2 do livro Porta Aberta, o mais escolhido no referido PNLD, e realizamos entrevistas com docentes para compreender os usos que elas fazem desse material em suas práticas de ensino da escrita. Os resultados apontaram a presença de atividades repetitivas e focadas no ensino das letras do alfabeto e de seus sons, no livro analisado, o que está em consonância com o que é prescrito na Política Nacional de Alfabetização (PNA). Quanto aos usos desse material, as professoras, embora reconheçam algumas limitações nas atividades nele presentes, utilizam o livro e orientam suas práticas também com foco no ensino de letras.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Ensino da Escrita; Livro Didático, PNLD.

### **INTRODUÇÃO**

No atual contexto da Educação Infantil, as questões sobre o uso de Livros Didáticos (LD) e sobre as práticas de ensino da leitura e da escrita constituem um campo polêmico. Os debates sobre essas temáticas se destacaram nos últimos anos com as diversas mudanças no âmbito das políticas públicas brasileiras sobre Educação Infantil e Alfabetização, como a homologação da Base Nacional Comum Curricular (2017), a publicação da Política Nacional de Alfabetização (2019) e a inserção da Educação Infantil no Programa Nacional do Livro e do Material Didático em 2022. Não há dúvidas de que essas mudanças, muitas de caráter autoritário, são um retrocesso quanto às conquistas obtidas no campo da Educação Infantil. Entre esses retrocessos destacamos a forma como a Política Nacional de Alfabetização (PNA) concebe o trabalho com a linguagem escrita nessa etapa da educação básica, que voltou a ser tratada como preparatória para a alfabetização. Compreendemos, assim como Brandão e Leal (2010), que o trabalho com a linguagem escrita é um processo que não deve ser realizado de forma enfadonha ou mecânica, mas de forma significativa e integrada com projetos que façam sentido para as crianças.

---

<sup>1</sup> Concluinte de Pedagogia - Centro de Educação - Universidade Federal de Pernambuco. debora.paz@ufpe.br

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal do Jaboatão dos Guararapes-PE. E-mail: cecalirases@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4038094681262568>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3891-0483>.

O tema dessa pesquisa foi definido considerando experiências próprias em estágio não obrigatório e a vivência desse contexto de debates nas disciplinas eletivas cursadas sobre Educação Infantil e alfabetização e letramento. Assim, nossa pesquisa teve como objetivo geral compreender, no âmbito do último ano da Educação Infantil, os impactos nas práticas de ensino da escrita causados pela adoção do Livro Didático do PNLD/2022. Como objetivos específicos, buscamos: identificar e categorizar as atividades de escrita presentes no volume 2 da coleção Porta Aberta e investigar o que dizem as professoras sobre os usos que elas têm feito desse material no que se refere ao trabalho com a linguagem escrita.

## **1. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1 Educação infantil: refletindo sobre suas trajetórias e concepções no Brasil a partir da legislação**

A Educação Infantil é um campo relativamente novo em termos legais no Brasil, pois apenas com a Constituição Federal de 1998 passou a ser reconhecida como um direito da criança e um dever do Estado, com vistas ao seu pleno desenvolvimento (BRASIL, art. 205, 1988). Isso só foi possível com a intensa movimentação social nesse contexto de redemocratização do país, no qual a pauta da conscientização sobre a criança como um sujeito de direitos já estava fervorosamente presente. Assim, a inclusão da Educação Infantil na Constituição figura como uma conquista importante por instituir a educação como um direito da criança, não apenas da mãe que trabalha (LUCAS, 2008). Outro avanço importante ocorreu com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1996 (Lei n. 9.394/96), ao colocar a Educação Infantil como etapa inicial da Educação Básica e estabelecer sua finalidade como a de garantir o desenvolvimento integral da criança, considerando tanto os aspectos físicos, quanto os psicológicos e sociais (BRASIL, art. 29, 1996).

A partir desses reconhecimentos legais, outros documentos passaram a ser elaborados a fim de orientar, em termos teóricos, curriculares e práticos, a Educação Infantil. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) de 2009 constituem um documento normativo, que reúne os princípios e fundamentos da Educação Infantil, figurando como orientador das políticas públicas na área. As DCNEI apresentam uma concepção de criança como um sujeito histórico que está em constante relação com o mundo, que produz cultura, constrói significados e que

é sujeito ativo na construção de seus conhecimentos. Indicam também que o currículo deve ser visto como meio de articular as experiências e os saberes próprios do universo infantil com os conhecimentos historicamente construídos na sociedade. Esse currículo deve ainda considerar as interações e a brincadeira como eixos estruturantes, respeitando princípios éticos, políticos e estéticos.

Outro documento normativo curricular importante para a Educação Infantil é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017). A BNCC vem de um longo percurso, com argumentos contra e a favor de sua implementação. A Educação Infantil, na BNCC, é organizada por faixa etária, considerando as especificidades de aprendizagem e desenvolvimento desses diferentes grupos: bebês (0 a 1 ano e 6 meses), crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses), que compõem a creche; e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 6 meses), abarcadas pela pré-escola. No entanto, a organização sugerida não deve ser considerada com rigidez, sendo passível de mudanças pela percepção das diferenças nos ritmos de aprendizagem e de desenvolvimento ao longo da prática pedagógica (BRASIL, 2017).

Outro aspecto importante diz respeito aos 6 direitos de aprendizagem das crianças na Educação Infantil, apontados na BNCC, que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Além disso, o documento apresenta cinco campos de experiências: o eu, o outro e o nós; corpo gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Conforme apresenta Silva (2019), o campo de experiência mais polêmico na BNCC é o que está relacionado à leitura e à escrita, que sofreu por mudanças em sua nomenclatura, passando de "Escuta, fala, pensamento e imaginação" para "Oralidade e escrita" e, posteriormente, voltando para o termo "Escuta, fala, pensamento e imaginação". Essas alterações foram motivadas pelas críticas ao termo "Oralidade e escrita", "pois para alguns especialistas da área este termo se relacionaria com antecipação da escolaridade" (SILVA, 2019; p. 36). Silva (2019), em sua análise, aponta ainda que a BNCC não é precisa acerca dos objetivos de aprendizagem relacionados ao trabalho com a escrita na Educação Infantil e que esse trabalho poderia ser ampliado com as crianças da pré-escola.

É importante considerarmos também a Política Nacional de Alfabetização (PNA) e seus impactos sobre o trabalho com a linguagem na Educação Infantil,

principalmente no último ano dessa etapa. Por meio do decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, a PNA apresenta argumentos frágeis, sem comprovação baseada em pesquisas desenvolvidas em nosso país, para impor o método fônico como o melhor para alfabetizar as crianças. Sobre esses aspectos, Coutinho-Monnier, Albuquerque e Souza (2021) analisam que as evidências científicas apresentadas pela PNA, para comprovar a eficácia dos princípios que ela impõe, não descrevem práticas concretas de alfabetização realizadas nessa perspectiva, da mesma forma que não relatam o que fazem as professoras e os alunos nesse cotidiano nem o que aprendem as crianças.

Com relação à Educação Infantil, a PNA não dialoga com os demais documentos que norteiam a área, como as DCNEI e a BNCC, pois diferentemente do que defendem esses documentos, ela concebe a Educação Infantil como um período preparatório para a alfabetização a ser realizada no 1º ano do Ensino Fundamental. Nesse viés preparatório, são elencadas onze habilidades que devem ser ensinadas às crianças, das quais destacamos "conhecimento alfabético: conhecimento do nome, das formas e dos sons das letras do alfabeto", "nomeação automática rápida: habilidade de nomear rapidamente uma sequência aleatória de letras ou dígitos", e "escrita ou escrita do nome: habilidade de escrever, a pedido, letras isoladas ou o próprio nome." (BRASIL, 2019, p. 30). O foco passa a ser um trabalho baseado na instrução fônica, que contemple o ensino das letras do alfabeto e dos sons que elas representam.

Como analisa Morais (2019), a imposição dessa política representa um ataque à história recente da alfabetização brasileira, no que se refere às discussões sobre o campo da Educação Infantil, a PNA prescreve uma série de habilidades concebendo a escrita como código, com a presença do método fônico e os exercícios de prontidão. Assim, desconsidera a forma que as crianças pensam e se relacionam com a cultura escrita, negando o direito das crianças refletirem sobre a pauta sonora das palavras, de forma lúdica, com atividades que envolvam os jogos de reflexão fonológica.

## **1.2 A escrita na Educação Infantil: o que dizem os estudiosos da área**

No que se refere ao ensino da língua escrita na Educação Infantil, Brandão e Leal (2010) apontam três perspectivas. A primeira diz respeito a uma obrigatoriedade em alfabetizar já nessa etapa, com atividades exaustivas, repetitivas

e descontextualizadas, por meio do tradicional ensino das letras. Como analisam Brandão e Albuquerque (2021), o trabalho com letras é frequente em diversos contextos dessa etapa e se desenvolve pelo ensino explícito do alfabeto. Essa é uma prática baseada na ideia de escrita como um código e envolve atividades diárias e repetitivas de cópia, identificação e memorização de letras, fonemas e sílabas, segundo uma lógica progressiva de complexidade (BRANDÃO; ALBUQUERQUE 2021).

Opondo-se à concepção anterior, a segunda perspectiva é a de letrar sem letras, em que a linguagem escrita não é tida como um objeto de trabalho na Educação Infantil, sendo valorizadas as demais formas de linguagem, enquanto as letras são proibidas. Por fim, em contraposição aos dois extremos anteriores, Brandão e Leal (2010) defendem a perspectiva em que se reconhece a importância da leitura e escrita na Educação Infantil como práticas diversificadas e plenas de significado, que podem envolver tanto atividades relacionadas à apropriação da escrita alfabética, como de leitura e produção de textos diversos.

Sobre o trabalho com a escrita alfabética, a teoria da Psicogênese da Escrita, desenvolvida por Ferreiro e Teberosky (1999), representa um marco para a área. As referidas autoras descreveram como as crianças, ao se relacionarem com a escrita, refletem e elaboram hipóteses sobre seu funcionamento. Essas hipóteses constituem quatro períodos diferentes no processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), sendo eles o pré-silábico, o silábico (de quantidade ou de qualidade), o silábico-alfabético e o alfabético.

Em consonância com a psicogênese da escrita, Soares (2020) argumenta que o trabalho voltado para a apropriação da escrita alfabética não garante por si só as habilidades de leitura, interpretação e produção de textos dos diversos gêneros em sociedade. Portanto, faz-se necessário propiciar os meios para desenvolver as habilidades dos usos da escrita, para conhecer as funções sociais da escrita. É o que a autora apresenta como letramento, que deve ocorrer de forma associada à aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética (à alfabetização), garantindo, assim, uma aprendizagem da linguagem escrita significativa e funcional.

De forma específica, Soares (2011) afirma que não é objetivo da Educação Infantil alfabetizar crianças. No entanto, a autora considera que é possível que essas experiências iniciais desenvolvam conhecimentos e habilidades que ajudarão as crianças nas futuras etapas desse caminho, destacando-se a consciência

fonológica, no sentido de elas perceberem que a escrita corresponde à notação da pauta sonora das palavras. Nessa lógica, Brandão e Albuquerque (2021) reiteram a importância de as crianças vivenciarem, desde a Educação Infantil, situações com a cultura escrita que as permitam refletir sobre o funcionamento do sistema de escrita alfabética.

Uma expressão que pode sintetizar os princípios que norteiam o trabalho com a linguagem na Educação Infantil é "a leitura e a escrita das crianças e com as crianças", utilizadas por Brandão e Girão (2021) para descrever a importância de práticas de leitura e escrita das crianças - da forma como elas sabem -, e com as crianças - que indica as situações de compartilhamento dos atos de ler e escrever entre educadores e crianças.

### **1.3 O PNLD na Educação Infantil: histórico e repercussões**

Criado em 1985, pelo Decreto-Lei nº 91.542 (BRASIL, 1985), o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) consiste em um conjunto de ações voltado para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa. O PNLD funciona a partir de um processo criterioso de análise e avaliação dos livros didáticos pelo Ministério da Educação, o que por um lado garante a melhoria na qualidade das obras que chegam às escolas, como observam Albuquerque e Ferreira (2019). Por outro lado, uma vez que esses critérios estão condicionados às concepções do governo sobre educação, alfabetização e Educação Infantil, os livros didáticos aprovados pelo programa estarão ancorados nesses princípios.

Pesquisas como a de Araújo (2020) indicam que o uso do livro didático na Educação Infantil já era uma realidade nas escolas públicas brasileiras bem antes da inserção dessa etapa no PNLD, por meio da compra de programas educacionais, sistemas de ensino apostilados ou coleções de livros didáticos. No entanto, com o Edital de Convocação 01/2017, para o PNLD 2019, a Educação Infantil passou a ser contemplada por meio de obras destinadas apenas aos professores dessa etapa. Já o edital do PNLD 2022, lançado em 2020 no âmbito das ações da PNA, contempla a Educação Infantil com obras destinadas não só aos professores, mas também aos gestores e às crianças da pré-escola.

Cabe destacar que a inserção da Educação Infantil no PNLD, que até então atendia os estudantes do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, e também da

Educação de pessoas jovens e adultas, ocorreu em um período adverso, em que um governo antidemocrático impôs, sem debate, a PNA, que foi um dos documentos que orientou os critérios de avaliação das obras inscritas no edital. A edição do PNLD 2022 - Educação Infantil organiza-se a partir do conceito de objetos. O objeto 1 caracteriza as Obras didáticas, que são destinadas aos professores e gestores tanto das creches quanto da pré-escola em formato impresso ou digital. No entanto, os bebês e as crianças bem pequenas não recebem essa obra para uso, uma vez que o Livro do Estudante Impresso destina-se apenas às crianças pequenas de 4 e 5 anos, da pré-escola.

O objeto 2 diz respeito às obras literárias, que são destinadas aos estudantes de todos os grupos da Educação Infantil e aos professores, compondo o acervo literário da escola. Por fim, o objeto 3 contempla as Obras Pedagógicas que consistem no volume único do Guia de Preparação para a Alfabetização baseada em evidências. O guia é destinado aos professores da Pré-Escola e apresenta orientações e práticas consideradas eficientes de preparação das crianças para a alfabetização (BRASIL, 2020). Os critérios para aprovação do Guia, presentes no anexo III-C do edital, tomam por base a PNA, e reduzem a Educação Infantil a uma etapa preparatória para a alfabetização, orientando os professores quanto às fundamentações da literacia e da numeracia e fornecendo exemplos e sugestões de atividades para aplicar em suas salas.

Entende-se, portanto, as críticas a essas políticas na medida em que, entre outros fatores, elas representam um retrocesso no âmbito do ensino da escrita e da leitura na Educação Infantil e figura também como uma ameaça à autonomia docente, no ato de decidir como os professores devem conduzir suas práticas pedagógicas. Assim, consideramos importante analisar as relações entre o que prevê as políticas e o que relatam as professoras sobre suas reais concretizações nas salas do último ano da Educação Infantil.

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa desenvolvida se caracteriza pela abordagem qualitativa. Segundo Godoy (1995a), a melhor forma de se compreender uma realidade qualitativa é a partir de meios que permitam o movimento de se colocar no lugar do outro. Além disso, a pesquisa qualitativa, diferentemente da pesquisa de cunho quantitativo, dedica-se à obtenção de dados descritivos sobre o objeto pesquisado e possibilita

contato pessoal do pesquisador com a situação estudada, permitindo entender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida tendo como instrumentos de coleta de dados a análise documental do livro didático Porta Aberta volume 2 e entrevistas semiestruturadas realizadas com duas professoras do último ano da Educação Infantil.

## 2.1 Participantes da pesquisa

A busca pelas professoras participantes da pesquisa foi orientada por dois critérios: atuar no último ano da Educação Infantil e utilizar o livro didático Porta Aberta, que foi o mais escolhido no PNLD/2022. Duas professoras aceitaram contribuir e, para garantir o anonimato delas, optamos por chamá-las como "Professora A" (PA) e "Professora B" (PB), seguindo a ordem em que foram entrevistadas. Para melhor visualização, o quadro 1 apresenta o perfil das professoras.

**Quadro 1 - Caracterização das professoras**

Informações	Professora A	Professora B
Graduação (curso, instituição e ano de conclusão)	Formação anterior: Ensino Normal Médio - Magistério) Pedagogia, Universidade Vale do Acaraú, 2014	Pedagogia, Joaquim Nabuco, 2015
Pós-Graduação (área, instituição e ano de conclusão)	Gestão e Docência em Educação Especial, Universidade Vale do Acaraú, 2016	Mídias e tecnologias digitais, UNOPAR, 2023
Tempo de experiência na educação	17 anos	6 anos
Níveis de ensino/ áreas em que já atuou	Ensino Fundamental e Educação Infantil	Coordenação Pedagógica (escola técnica) e Educação Infantil
Rede de ensino vinculada atualmente	Rede Municipal de Recife	Rede Municipal de Jaboatão dos Guararapes
Tempo de docência na escola atual	6 anos	3 anos

As professoras atuam em redes distintas de educação e o modo de escolha do Porta Aberta Volume 2 foi diferente entre elas. Na Rede Municipal de Recife, cada escola escolheu a coleção que iria adotar. Já na Rede Municipal de Jaboatão dos Guararapes, a escolha do livro didático foi única para todas as escolas da rede.

Além da diferença na rede de ensino em que trabalham, as professoras apresentam outros aspectos que tornam os perfis delas bem distintos, sobretudo, em relação à formação e ao tempo de prática docente. Convém destacar também que as professoras possuem pós-graduação em áreas diferentes e que não são específicas para Educação Infantil ou alfabetização e letramento.

Quanto às turmas do atual ano letivo, tanto o grupo 5 da Professora A, quanto o infantil 5 da Professora B são do turno matutino, com horário das 7h30 às 11h30. Na turma da PA, há 27 crianças, sendo uma delas incluída, e todas receberam o livro didático no início do ano. Já na turma da PB, há 19 crianças, nenhuma incluída, e elas ainda não haviam recebido, até o momento da entrevista, o livro didático em quantidade suficiente para todas as crianças da turma. As duas professoras usaram o referido livro em 2022, 1º ano do PNLD da Educação Infantil.

## **2.2 Os instrumentos de produção e a análise dos dados**

Como já dito, os instrumentos de produção de dados foram análise documental e entrevistas semiestruturadas. Os dados obtidos foram analisados com base no procedimento de Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2016), e nas relações e induções ancoradas na fundamentação teórica aqui apresentada.

### **Análise Documental**

A análise documental foi realizada para conhecer e caracterizar a versão do livro didático do estudante do Porta Aberta Volume 2, utilizado pelas professoras participantes desta pesquisa, com o propósito de identificar as concepções sobre o ensino da língua escrita que o orientam e classificar suas propostas de atividades<sup>3</sup> voltadas para o trabalho no eixo da apropriação da escrita alfabética. Godoy (1995b) define a pesquisa documental como aquela que examina materiais de natureza

---

<sup>3</sup> As categorias utilizadas para a classificação das atividades do livro didático Porta Aberta Volume 2 pertencem ao Glossário das Categorias elaborado por Albuquerque, Eliana Borges Correia de; LEAL, FERREIRA, Andrea Tereza Brito; MORAIS, Artur Gomes de.

diversa, que podem tanto não ter recebido um tratamento analítico ainda, quanto ser examinados novamente, para buscar interpretações novas ou complementares. O conceito de "documentos" é apresentado pela autora de forma ampla e inclui os materiais escritos, as estatísticas e os elementos iconográficos (GODOY, 1995b).

Para Ludke e André (1986), os documentos constituem uma importante fonte, da qual se pode extrair evidências para fundamentar afirmações e declarações do pesquisador. Além disso, caracterizam-se por ser uma fonte "natural" e contextualizada, visto que também fornecem informações sobre o contexto em que foram produzidos. No âmbito das discussões sobre o PNLD 2022, é imprescindível que se observe o contexto de lançamento do edital do programa e a produção das obras selecionadas, visto que envolvem uma série de mudanças políticas discutidas em seções anteriores deste artigo.

### **Entrevista semiestruturada**

Para conhecer como as professoras utilizam o livro Porta Aberta Volume 2 e caracterizar esse uso no que diz respeito ao ensino da escrita, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com docentes do grupo 5 da Educação Infantil. Gil (2008) define entrevista como uma técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula perguntas ao sujeito participante, com vistas a obter dados relevantes para os objetivos da pesquisa. O autor indica ainda que a entrevista possibilita obter dados sobre os mais diversos aspectos da vida social e do comportamento humano, com possibilidade de classificá-los e quantificá-los (GIL, 2008).

A entrevista realizada foi do tipo semiestruturada, definida por Ludke e André (1986) como aquela que se desenvolve a partir de um roteiro básico, que orienta o momento, mas que não é seguido de forma rígida e possibilita que o entrevistador faça as adaptações necessárias. A escolha por esse tipo de entrevista justifica-se pela valorização dada por nós à abertura e à flexibilidade que caracterizam a entrevista semiestruturada.

O roteiro de entrevista foi estruturado em 3 blocos: o primeiro buscou informações gerais sobre a professora e sua atuação profissional, o segundo foi relacionado ao trabalho com a linguagem escrita desenvolvido pelas docentes e o último foi dedicado às questões sobre o livro didático. A entrevista com a Professora A foi realizada de forma presencial, no dia 23 de março de 2023, no período da

manhã. Com a professora B, a entrevista foi realizada na mesma data, mas no turno da tarde e de forma remota, pelo Google Meet. Tais entrevistas foram gravadas em áudios e posteriormente transcritas para que pudessem ser analisadas. Consideramos importante destacar que as duas professoras utilizaram o livro no ano de 2022 e vão continuar a fazer uso dele no atual ano letivo (2023).

### **Análise dos dados**

Para analisar os dados, utilizamos a Análise de Conteúdo, descrita por Bardin (2016). Segundo a autora, o método de Análise de Conteúdo está organizado em três etapas, sendo elas: a pré-análise; a exploração do material (codificação e categorização) e o tratamento de resultados; e a inferência e a interpretação (BARDIN, 2016, p. 155). No primeiro momento, o de pré-análise, os dados obtidos foram selecionados, considerando sua relevância para os objetivos desta pesquisa, por meio de leituras flutuantes, como orienta Bardin (2016). No segundo momento, o de exploração do material, os dados selecionados foram organizados em categorias temáticas. Por último, foi realizada a etapa de tratamento dos resultado obtidos e interpretação, na qual os dados passaram por leituras e análises minuciosas, com apoio do referencial teórico aqui apresentado, a fim de interpretar esses dados, atribuir a eles significados e propor inferências que respondam aos objetivos da pesquisa.

## **3. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Como já indicamos em seções anteriores, buscamos compreender, no âmbito do último ano da Educação Infantil, os impactos no ensino da escrita causados pela adoção do livro didático do PNLD/2022. Desta forma, a partir dos procedimentos metodológicos adotados, nossa análise foi dividida em duas seções: na primeira, apresentamos e discutimos o livro Porta Aberta; na segunda, analisamos as entrevistas de duas docentes à luz do nosso referencial teórico. Para essa discussão, organizamos os resultados de acordo com as categorias temáticas mais pertinentes nas falas das professoras participantes das entrevistas.

### **3.1. O trabalho com a escrita no Porta Aberta, Volume 2**

O livro Porta Aberta Volume 2 integra uma coleção composta por: livro do estudante, manual do professor impresso, material digital para professor e material

digital para gestor. Conforme indica o site da editora FTD, o livro foi estruturado com base nos documentos oficiais já mencionados no edital do PNL D 2022, como a BNCC, a PNA e as DCNEI.

**Figura 1 - Capa e contracapa do livro didático Porta Aberta Volume 2**



Fonte: Porta Aberta Volume 2 (2020)

O livro é de autoria de Isabella Carpaneda, possui 192 páginas e, como demonstra a figura 2, apresenta 4 unidades organizadoras, chamadas de Movimentos: Interagir e Respeitar; Brincar e Comemorar; Observar e Aprender; e Manifestar e Valorizar. O nome de cada movimento constitui temas que orientam as propostas de atividades de cada unidade. Ao final de cada unidade, há duas seções: projeto e glossário. Os projetos são propostas coletivas de vivências e produções, que envolvem as crianças, o professor e culminam em formas de socialização. O glossário apresenta propostas de ampliação de vocabulário, explorando significados e usos de palavras trabalhadas na unidade ou de campos semânticos semelhantes.

**Figura 2 - Sumário do Porta Aberta Volume 2**

SUMÁRIO	
<b>MOVIMENTO 1</b>	<b>8</b>
INTERAGIR E RESPEITAR	8
QUEM SOU EU?	10
LETRAS POR TODA PARTE	12
COLECIONANDO LETRAS - ALFABETO	15
1, 2, 3 E JÁ! - NÚMEROS DE 1 A 10	18
CONTANDO PASSARINHOS	20
NA MEDIDA	22
INFORMAÇÃO AQUI E ALI!	25
ROTINA NA ESCOLA	27
BOM CONVÍVIA	29
LEI: TODO SE BOM!	30
MARQUE NO SEU CALENDÁRIO	31
COLECIONANDO LETRAS - LETRA A	32
QUE FALA?	35
LA VEM HISTÓRIA	36
PLANTANDO DE BOMBO	38
COLECIONANDO LETRAS - LETRA B	41
BRINCAR E RELAXAR	44
COLECIONANDO LETRAS - LETRA C	48
QUAL É O SEGREDO?	51
COLECIONANDO LETRAS - LETRA D	52
NA RODA DO DEIXO	55
PARTIDA DE DOMINÓ	58
PROJETO: MASCOTE DA TURMA	60
GLOSSÁRIO	60
<b>MOVIMENTO 2</b>	<b>62</b>
BRINCAR E COMEMORAR	62
BRINCADEIRA COLORIDA	64
COLECIONANDO LETRAS - LETRA E	65
COLECIONANDO LETRAS - LETRA F	70
SÃO JOÃO NO SÍTIO	72
COLECIONANDO LETRAS - LETRA G	75
RETAZINHOS PARA DECORAR	78
COLECIONANDO LETRAS - LETRA H	80
NÃO COMUNDO	82
OUVRÊ E CANTAR	84
DIWNERIO NA CAYBANA	87
COLECIONANDO LETRAS - LETRA I	89
QUAL É A FORMA?	92
COLECIONANDO LETRAS - LETRA J	95
ACEITE O ALVO!	98
COLECIONANDO LETRAS - LETRA K	100
PROJETO - FORMAS E CORES DE GUSTAVO ROSA	102
GLOSSÁRIO	104
<b>MOVIMENTO 3</b>	<b>106</b>
OBSERVAR E APRENDER	106
COLECIONANDO LETRAS - LETRA L	108
JURFANDO COM OS DEGOS	111
TIRANDO COM OS DEGOS	113
COLECIONANDO LETRAS - LETRA M	114
DE CABANA COM OS NÚMEROS	117
COLECIONANDO LETRAS - LETRA N	118
COLECIONANDO LETRAS - LETRA O	123
DESCOBRIR O SEGREDO	125
QUANTOS PASSARINHOS?	126
COLECIONANDO LETRAS - LETRA P	128
PANELA NA CABEÇA	132
EXPLORANDO LÍQUIDOS	134
COLECIONANDO LETRAS - LETRA Q	135
COLOCANDO NA BALANÇA	138
PROJETO: MALHADE	140
COLECIONANDO LETRAS - LETRA R	142
O LEÃO E O BANHÃO	144
PROJETO - SEMENTE E VIDA	146
GLOSSÁRIO	148
<b>MOVIMENTO 4</b>	<b>150</b>
MANIFESTAR E VALORIZAR	150
QUE BRINEL!	152
COLECIONANDO LETRAS - LETRA S	155
QUANTO CUSTA?	159
COLECIONANDO LETRAS - LETRA T	163
COLECIONANDO LETRAS - LETRA U	165
QUAL É O SEGREDO?	167
QUANTO TEM?	168
RITUAL DE PARALELOS	170
COLECIONANDO LETRAS - LETRA V	171
SIGA A RECEITA	174
QUAL É O SEGREDO?	176
COLECIONANDO LETRAS - LETRA W	177
COLECIONANDO LETRAS - LETRA X	178
MONJA DA HISTÓRIA	180
COLECIONANDO LETRAS - LETRA Y	182
COLECIONANDO LETRAS - LETRA Z	183
PLANTER QUE AMAMOS!	185
PROJETO - CANCIONEIRO POPULAR	188
GLOSSÁRIO	190

Fonte: Porta Aberta Volume 2 (2020)

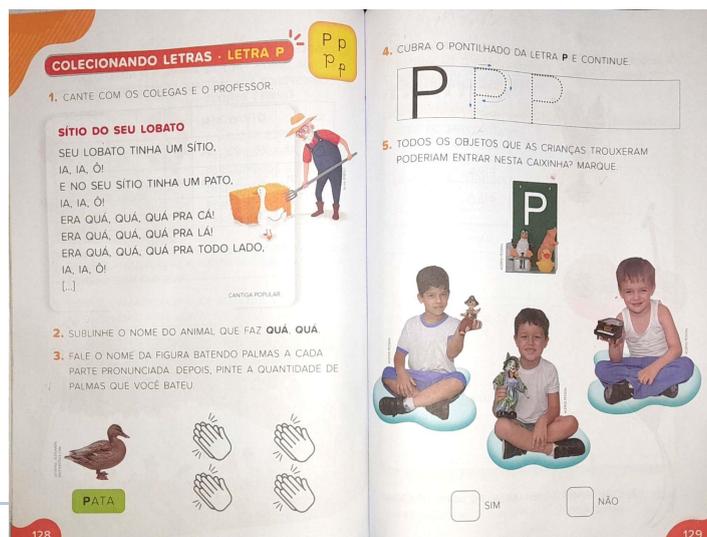
O livro se destaca em conteúdos de literacia e numeracia, defendidos no edital do PNLD, que tomou como base a PNA. No que se refere ao trabalho no eixo da apropriação da escrita alfabética, há uma prioridade no ensino das letras do alfabeto, com 90 atividades ao longo de todo o livro, sendo a maioria destinadas a cobrir e copiar as letras do alfabeto. O livro também possui atividades envolvendo sílabas (63), das quais 26 solicitam partição oral de palavras em sílabas. Em menor quantidade, o livro traz atividades de rimas e aliteração (5) e fonemas (3). Em geral, essas atividades são apresentadas na seção “Colecionando letras”. O Quadro 1 apresenta as atividades de apropriação do SEA mais frequentes, apontando o quantitativo das que são encontradas na referida seção.

**QUADRO 2 - Atividades de apropriação do SEA presentes no Volume 2 da coleção Porta Aberta**

Atividades de apropriação do SEA	Frequência total das atividades no livro	Frequência das atividades na seção Colecionando Letras
Identificação de palavras em textos	20	18
Partição oral de palavras em sílabas	26	26
Contagem de sílabas de palavras	25	25
Cobrir letras	27	26
Cópia de letras	26	26
Identificação de palavras que começam com determinada letra sem correspondência escrita	29	29

Pode-se observar que a seção “Colecionando letras” é dedicada ao trabalho no eixo da apropriação do SEA. Em geral, ela é iniciada por uma atividade de leitura de um texto e da exploração de uma palavra nele presente que se inicia com a letra a ser ensinada, como pode ser observado na Figuras 3.

Figura 3 - Capa e contracapa do livro didático Porta Aberta Volume 2



Fonte: Porta Aberta Volume 2 (2020)

Observa-se que após a atividade envolvendo a leitura do texto (nesse exemplo a orientação é para cantar a música do Seu Lobato), solicita-se que as crianças identifiquem uma palavra do texto (questão 2), contem a quantidade de sílabas da palavra (questão 4), cubra e copie a letra inicial da palavra (questão 4) e, por fim, identifique as figuras cujas palavras começam com a letra trabalhada (questão 5). Essa sequência de atividades, em geral, se repete em todas as seções “Colecionando letras”, mudando-se a letra trabalhada. Com essa sequência, o livro Porta Aberta Volume 2 busca atender aos requisitos do edital do PNLD/2022, sobretudo, por meio do trabalho com as letras e seus sons.

Em relação às atividades de cobrir letras, Brandão e Albuquerque (2021) discutem que a letra de bastão maiúscula é a mais adequada para ensinar às crianças no início do processo de apropriação do SEA, uma vez que possuem traços mais claros de serem visualizados e reproduzidos que os das letras cursivas. Portanto, as autoras argumentam que não faz sentido a presença de setinhas indicando a direção dos movimentos necessários para escrever a letra bastão no papel (BRANDÃO; ALBUQUERQUE, 2021, p. 96). Visualizamos na seção “Colecionando letras” do LD Porta Aberta que em todas as atividades de cobrir letras há a indicação da movimentação que se deve fazer ao escrevê-las por meio da presença de setas. A partir da nossa análise, é possível concluir que o Porta Aberta é um livro didático que corresponde à perspectiva descrita por Brandão e Leal

(2010) relacionada à obrigatoriedade de alfabetizar na Educação Infantil, com atividades repetitivas e descontextualizadas, que têm o objetivo de preparar as crianças para a alfabetização.

### **3.2 O que nos dizem as docentes**

#### **3.2.1 Os princípios que norteiam o ensino da escrita pelas docentes: reflexões a partir da rotina**

Ao analisarmos a rotina na Educação Infantil percebemos quais princípios e direitos estão sendo garantidos às crianças. Dessa forma, perguntamos às professoras como elas organizam suas manhãs com suas turmas. A Professora A inicia sua aula com a acolhida na sala, momento dedicado a conversar e a cantar com as crianças. Em seguida, ela realiza atividades permanentes como preencher a agendinha, marcar data no calendário, registrar como está o tempo e fazer a chamada. Após esses momentos, ela desenvolve com as crianças a atividade 1. Depois vem o lanche, o recreio na sala de aula, a atividade 2, a história, o desenho e, por fim, a saída. As atividades 1 e 2 mencionadas pela PA são aquelas que envolvem lápis e papel, realizadas nos cadernos, nas fichas impressas ou no livro didático.

A PA desenvolve toda a rotina dentro da sala, devido a uma reforma que está acontecendo na escola. Além disso, ela descreveu uma rotina mais fixa quanto às atividades do dia e destacou a história e desenho como momentos que devem acontecer todos os dias na Educação Infantil, como podemos visualizar no extrato abaixo: .

*[...] A história... Desenho, que na Educação Infantil tem que ter história e desenho todos os dias, né? Acolhida, atividade 1, lanche. Aí deixo brincar. Tem a atividade 2, a história, o desenho e a saída. (PA, trecho da entrevista concedida 23/03/2023)*

O relato da PA sobre as atividades de desenhos e histórias literárias nos leva a refletir sobre a obrigatoriedade com que certas atividades são inseridas na rotina das crianças, com risco de perderem a essência e a significância, por serem desenvolvidas apenas para cumprir regras, tornando-se atividades mecânicas e esvaziadas de suas potencialidades. Como consequência, as práticas na rotina podem distanciar a Educação Infantil da realidade significativa e diversificada

defendida por estudos como os de Soares (2011), Brandão e Albuquerque (2021) e Brandão e Girão (2021).

Quando questionada sobre como compreende o ensino da escrita na Educação Infantil, a PA trouxe a valorização dos conhecimentos prévios das crianças e ressaltou a importância desse trabalho ser feito com apoio da família para que as crianças desenvolvam as habilidades desejadas.

*Bom, ele é feito de forma gradativa, né. Cada um com suas peculiaridades. [...] É gradativo. Aí eles vão se desenvolvendo no dia a dia deles, né.... Porque eles não sabem a escrita, nem a leitura, formal, mas o dia a dia, né? Eles já têm essa visão de mundo. Então é feito de forma gradual [...] eles vão se desenvolvendo bem. Dependendo de como é, também... Em casa, né. Tem que ter isso, o incentivo de casa. Porque a gente passa o quê com eles, 4 horas... 4 horas e meia... O dia tem 24h, o restante é com a família. Então, às vezes, a gente sozinho não pode fazer milagre. (PA, entrevista concedida no dia 23/03/2023)*

A PA, ao reconhecer que as crianças possuem conhecimento adquiridos em suas vivências fora do contexto escolar sobre as práticas de escrita, revela uma perspectiva de criança como sujeito ativo, que interage desde cedo com a cultura escrita e que reflete sobre ela, como descrevem Brandão e Girão (2021). No entanto, a cobrança pelo apoio da família no ensino da língua escrita pode estar relacionada a, além do compromisso que a família deve ter com a educação de seus filhos, um reflexo das cobranças impostas às crianças de já saírem da escola com conhecimentos avançados sobre a escrita e que não são de responsabilidade da Educação Infantil.

Em relação aos materiais e recursos utilizados para trabalhar o ensino da escrita com a turma, a PA afirmou utilizar o livro didático, ficha individual dos nomes das crianças, alfabeto móvel, jogos, cadernos, quadro e atividades impressas.

Já a rotina relatada pela Professora B inicia com a acolhida das crianças no pátio da escola, momento em que conversam e são ditos alguns informes. As crianças entram para a sala, mas logo saem novamente para formar um grande círculo no pátio junto às crianças do grupo 4, onde socializam e cantam músicas. De volta à sala, são realizadas atividades permanentes: calendário, registro de como está o tempo, chamada e contagem da turma. Em seguida, acontecem os momentos da história/música e do lanche, que se encerra com uma sessão de relaxamento. Após isso, a atividade com lápis e papel proposta para o dia pode ser iniciada ou ter

continuidade. Quando finalizado esse momento, a professora cola a atividade de ficha no caderno de casa das crianças, enquanto deixa elas brincarem na sala. Por fim, ela organiza a saída.

Em relação às atividades que desenvolve com as crianças, a PB descreveu possibilidades mais flexíveis. Dependendo de seu planejamento e dos acontecimentos na sala, as crianças podem ter uma única atividade de lápis e papel para ser realizada ao longo da aula, ou duas que devem ser feitas em momentos diferentes. A PB detalhou que faz os encaminhamentos de um momento para outro sempre incluindo uma música ou uma brincadeira, e afirma que isso torna os processos mais fáceis e envolventes para as crianças.

*[...] Para chamar a atenção deles, eu faço assim: Atenção, atenção, atenção, ção, ção. Aí todo mundo se senta... [...] Já sabem que tem que sentar. Aí eu digo: vamos levantar a mão, vamos levantar a mão. Aí todo mundo levanta a mão. Pra eu chamar atenção deles. Porque senão eu falo a manhã todinha: Vamos sentar, Vamos sentar... [...] Aí chega a hora da largada. [...] Aí eu brinco com eles de vigia do silêncio, boca de forno... (PB, trecho da entrevista concedida no dia 23/03/2023)*

A professora B não mencionou o desenho como uma atividade fixa da rotina. No entanto, assim como a PA, falou sobre as histórias em seus planejamentos. A PB descreveu seu trabalho com a literatura infantil, afirmando que prioriza em seu planejamento as sequências didáticas e que as histórias lidas muitas vezes fazem parte das sequências didáticas, não fazem parte apenas da leitura deleite, nem ocupam momentos sem intencionalidade.

*Eu gosto de fazer toda uma sequência com as atividades. Peguei Dona Baratinha, e aí, que é que eu vou trabalhar com Dona Baratinha? Rimas, é... Eu vou trabalhar questão de dinheiro. Eu saio pegando informações que tem naquele livro, saio anotando, com base no meu planejamento bimestral, né. (PB, trecho da entrevista concedida no dia 23/03/2023)*

O ensino da escrita na Educação Infantil também é entendido pela PB como algo a ser desenvolvido de forma processual e ela destaca que esse percurso deve envolver tranquilidade e, sobretudo, passar segurança para as crianças e encorajá-las.

*É... eu acho, assim, que não tem que ser nada tão... É... naquela obrigação. Tem que ser algo lúdico, que leve as crianças a esse processo de forma tranquila.[...] É uma transformação muito grande pra eles, né. [...] Eu peço para eles escreverem, "como você acha..." Eles ficam muito preocupados quando eu peço. Muito preocupados.*

*"Tia, eu não sei..." [...] muitos são inseguros. E aí eu sempre: olhe, faça do seu jeitinho. Tia ainda não vai dizer se tá certo ou tá errado, eu quero ver o que você sabe." Deixo eles bem tranquilos [...]. (PB, entrevista concedida no dia 23/03/2023)*

Quanto aos materiais utilizados nesse processo, a PB também mencionou utilizar o alfabeto móvel e o livro didático, mas enfatizou o trabalho com a lista de nomes das crianças e os textos e livros literários, chamando a atenção para o projeto "Escola que lê faz a mudança acontecer" da rede de Jabotão dos Guararapes, que distribui 8 livros de literatura infantil para cada criança, quatro por semestre, e que são utilizados por ela nas sequências didáticas desenvolvidas.

Percebemos que, em termos de organização, a PB busca diversificar sua prática por meio da música, das brincadeiras e das sequências didáticas envolvendo histórias literárias. Como indicam Brandão e Leal (2010), essa diversidade de atividades possibilita que as crianças ampliem suas habilidades de uso da linguagem tanto oral, quanto escrita, mas a mediação docente deve ser considerada para a efetivação significativa dessas propostas.

### **3.2.2 Porta Aberta Volume 2 em prática: usos e significados dados pelas professoras no ensino da escrita**

Nenhuma das professoras entrevistadas teve vivências anteriores de uso do livro didático na Educação Infantil, sendo as primeiras experiências no ano passado com o Porta aberta Volume 2 do PNLD/2022. Elas puderam comentar sobre o processo de escolha do livro em suas respectivas escolas de atuação. A PA afirmou que embora as professoras tenham participado do processo de escolha, ele acontece em pouco tempo, o que prejudicou a análise de cada opção dentre as que foram oferecidas pelo Guia do PNLD 2022.

Para a PA, o livro didático é importante por ser um apoio que vai contribuir em sua rotina, porque, além de veicular conteúdos e vivências, promove oportunidades para as crianças conhecerem a organização de um livro didático e a se acostumarem com sua utilização.

*Ele é bom, um recurso a mais, um instrumento a mais. É... A oportunidade de eles terem de folhear os livros, pra não... esperar até o primeiro ano pra ver alguma coisa... Não, já vão se acostumando. Aprendendo a procurar as páginas, como é que se usa o livro, a capa, o que tem dentro, como é que procura. Tá entendendo... (PA, entrevista concedida no dia 23/03/2023)*

A PA destaca que, em suas práticas, ela tenta utilizar o livro didático de duas a três vezes na semana. Além disso, afirma que não se atém ao Porta Aberta e critica a limitação e o empobrecimento das atividades oportunizadas às crianças ao se utilizar apenas esse material.

*É um instrumento a mais, mas só não fica nele não. [...] Até porque, esse livro desse ano, ele é muito simples. [...] Ele podia ser mais trabalhado. [...] A gente tem que sempre tá mudando porque se ficar só no livro, só fica nisso: a letra, o quê que começa com aquela letra e o som... para eles escreverem o número das sílabas, de acordo com as palmas, que é o que é pedido no livro, né. Agora isso é do A ao Z. Não tem outras atividades diferenciadas. O próprio livro deveria trabalhar, né... Mas... Deixa pra próxima. (PA, entrevista concedida no dia 23/03/2023)*

Em relação às atividades que o livro Porta Aberta Volume 2 propõe para o ensino da escrita, a PA considera que:

*São até boas. Mas elas são repetitivas. A mesma coisa que é pra fazer, por exemplo, com a letra A, é a mesma coisa pra fazer com a letra Z. Aí se torna repetitivo. Até as próprias crianças já sabem, com o passar do tempo. Como é que é. Ah, mudou de letra, é pra fazer isso, é aquilo... Eles mesmo já sabem, de tão repetitivo que é. (PA, entrevista concedida no dia 23/03/2023)*

Nesse relato da PA, percebemos a crítica quanto aos conteúdos da seção "Colecionando Letras", que se organiza nas mesmas atividades ao longo de todo o livro, com foco no ensino das letras. Embora reconheça essa limitação do Porta Aberta e busque outras alternativas complementares, a PA desenvolve sua prática com utilização sequencial do livro didático, além de consultar as instruções dos materiais de apoio ao professor fornecidos pela coleção do livro didático.

*Eu vejo, porque tem musiquinhas, né... Frasesinhas...Aí eu... Coloco pra eles as músicas [...]. Por exemplo, a letra A, né... Que a gente vai dar ainda. Vai começar ainda. Eu já dei, mas no livro não, ainda não chegou nessa parte. Apesar que eu podia ir logo direto, mas eu... Tô acompanhando, sabe? Vou apresentando o livro a eles. Aí a gente sempre tem musiquinha. Aí eu coloco pra eles escutarem a musiquinha da letra A do livro, aí eles já aprendem, já é mais uma música na hora da acolhida... (PA, trecho de entrevista concedida no dia 23/03/2023)*

Apesar de reconhecer que poderia modificar esse uso, a professora se mostrou em concordância com as prescrições impostas pelo material. Como descrevem Coutinho-Monnier, Albuquerque e Souza (2021), além das atividades

pobres em reflexões, outra consequência da PNA por meio dos livros didáticos é o controle da prática docente, prescrevendo o quê e como deve ser ensinado.

Também buscamos saber quais são as atividades priorizadas pelas docentes para desenvolver o ensino da escrita com suas turmas. A PA considera fundamental o trabalho com o nome e com os sons e as atividades com jogos. Além do próprio nome da criança, a PA chama atenção para o trabalho com o nome dos outros colegas.

*Trabalho muitos sons. Sons são muito importantes. CA de cavalo, com CA de cama, com CA de Camila... Sílabas, né... Sons iniciais e sons finais. É primordial. Bingo, também. [...]. Bingo de letras agora. Mais pra frente um pouquinho, bingo de sílabas. A gente trabalha com os nomes, os nomes dos colegas, né... Contar as letras que são formados os nomes... Tem a inicial, a letra final, [...] Se eles reconhecem o próprio nome [...] (PA, entrevista concedida no dia 23/03/2023)*

Podemos perceber que as atividades destacadas pela Professora A são aquelas atreladas aos princípios veiculados pela PNA e constatados no Porta Aberta, no que diz respeito ao foco no ensino da letra, seguido do ensino das sílabas, e suas relações fonêmicas. As atividades com os nomes das crianças também possuem menção importante pela PA, sendo descritas com o objetivo de reconhecimento e diferenciação do próprio nome e do nome dos colegas, contagem de letras e exploração das letras iniciais e finais.

Já sobre o processo de escolha do Livro Didático na escola da PB, ela revelou que ela não havia escolhido o Porta Aberta, mas o Adoletá, e que a escolha pelo Porta Aberta não foi unânime. Ao questionarmos à PB sobre a função desse material nas turmas da Educação Infantil, temos a concepção de que o livro didático também constitui um material de apoio à prática. Ela ressalta que o livro é um recurso que está subordinado ao seu planejamento, aos objetivos que ela estabelece para serem alcançados com a turma, não o contrário. A PB ressalta ainda que entende a função do livro didático como um assunto polêmico na Educação Infantil, vejamos:

*[...] É polêmico. E assim, eu entendo toda a polêmica, porque eu acho que a gente não pode se ater, como eu te falei, eu não posso me ater a isso aqui (aponta para o livro). Eles são crianças... Crianças muito pequenas... E... O intuito da Educação Infantil, é a formação da criança, a questão do brincar. Eles aprendem brincando. (PB, entrevista concedida no dia 23/03/2023)*

A PB também afirma não se ater apenas ao livro e, além da possibilidade de complementar as atividades que o livro traz, a professora descreve que pode modificar as propostas, de acordo com seus interesses para a turma:

*[...] Vou pegar aqui o livro. Aí vamos aqui na parte da letrinha A. Vamos dizer assim. Tem todo um embasamento, certo? Falando sobre a letrinha A. Tudo isso. Mas veja... Eu usei o livro pra falar? Eu não usei. Posso usar em outro momento? Posso... Mas o que foi que eu fiz? Eu fiz uma pescaria. Pedi pra eles procurarem letrinhas A, lá naquela quantidade de peixinhos, que dentro tinha figuras... Que eu imprimi, cortei todas. [...] Eu não vou deixar de ter uma atividade que eu julgo, é... Mais significativa pra eles porque eu tenho que usar o livro. Entende? Eu acho que é muito... Como eu posso te falar. É muito, assim, tem que ter um certo cuidado com relação ao livro e Educação Infantil. Porque Educação Infantil é muito complexo, amplo, tem toda uma formação que a criança tá passando. (PB, entrevista concedida no dia 23/03/2023)*

Ainda sobre essa atividade de pescaria, a Professora B relata:

*Hoje a gente fez uma atividade para entender o som das vogais que tinha... A pescaria. Os peixes eram tampinhas. E a vara de pescar era... prendedor. E aí eu levei uma vasilha e enchi com água na escola. E aí eu fui falando... Falando para eles, por exemplo, A-BA-CA-XI. " Qual é o sonzinho de abacaxi? Qual é a letrinha que vem quando eu falo A?" Para eles entenderem que é o sonzinho da letrinha A. E quando eu for passar isso para o papel, quando eu vou escrever A, tem o sonzinho da letra A. Eu vou lá e registro. Dessa forma não, assim, sendo algo maçante. Porque, eu acho que para eles tem que ser dessa forma. Senão o processo não flui. (PB, entrevista concedida no dia 23/03/2023)*

Chamaremos atenção para esses trechos da entrevista com a PB. Além de não fazer o uso sequencial do livro didático, a professora afirma modificar as atividades, sobretudo, para garantir que as crianças tenham os seus direitos de brincar e interagir garantidos. Como analisa Araújo (2020), uma das críticas à distribuição desses recursos para a Educação Infantil pelo Ministério da Educação (MEC) é justamente a de que os conteúdos veiculados pelos livros didáticos constituam o foco do trabalho pedagógico, em detrimento das experiências das crianças, comprometendo a finalidade dessa etapa da educação.

No entanto, ao observarmos o conteúdo de ensino que envolve essas propostas, também constatamos que o foco está no ensino explícito das letras, seus sons e sua grafia. A PB revelou que não tem uma frequência determinada de uso do livro didático e citou as atividades que considera fundamentais para o ensino da escrita.

*Primeiramente, o nome. [...] Acho que é a Base. A partir daí, a gente vai introduzindo as outras. Nomes, porque aí do nome eu consigo trabalhar a questão das letras, sons de letras... Até da rima. Como eu disse que rimei "João gosta muito de comer feijão." Entende? Então... A partir, primordialmente do nome.. (PB, entrevista concedida no dia 23/03/2023)*

Embora a Professora B priorize uma rotina de contextos diversificados, suas atividades são voltadas para o ensino das letras, assim como a Professora A. Essa correspondência reitera o argumento de Brandão e Albuquerque (2021) sobre o fato do trabalho transmissivo das letras ainda ser uma realidade típica nas práticas da Educação Infantil, esvaziadas de sentido e destinadas a fazer com que as crianças respondam às atividades de forma mecânica, de acordo com o que foram acostumadas a fazer.

Vale ressaltar que o Porta Aberta não foi mencionado pelas professoras como recurso para o trabalho com os nomes. As poucas atividades apresentadas pelo livro didático que envolvem o nome estão localizadas no Movimento 1, Interagir e Respeitar, e nas propostas de brincadeiras (para escrever o nome da dupla vencedora ou indicar a ordem dos vencedores). Além disso, o trabalho com os nomes dos colegas também está presente na seção “Colecionando Letras”, mas apenas solicitando que a criança identifique nomes de colegas que começam com a letra apresentada, visto que esse é seu foco.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa pesquisa foi motivada pelo cenário de mudanças ocorridas nos últimos anos no âmbito das políticas nacionais sobre Educação Infantil, livros didáticos e alfabetização. Tivemos como objetivo maior compreender como a implementação do PNLD/2022 repercutiu nas práticas das docentes do último ano da pré-escola. Para isso, elencamos objetivos específicos que foram alcançados por meio da análise do livro didático que as professoras utilizam, Porta Aberta Volume 2, e de entrevistas semiestruturadas com duas professoras do grupo 5. Assim, pudemos elaborar algumas considerações sobre os princípios que estruturam o livro didático no que se refere ao ensino da escrita e sobre os usos do livro didático nas práticas das professoras.

Os princípios que norteiam as propostas do livro didático Porta Aberta Volume 2 refletem os conteúdos veiculados pela PNA, no que diz respeito ao ensino

transmissivo das letras e a percepção da Educação Infantil como uma etapa preparatória para o Ensino Fundamental. A organização do livro em movimentos busca atender aos direitos de aprendizagens e campos de experiências previstos na BNCC e constituem temas para as atividades propostas. No entanto, em nossas análises não visualizamos os direitos de aprendizagens sendo efetivados, pois o que identificamos foi uma volta ao modelo das cartilhas de alfabetização com atividades que não propõem desafios, com pouca diversidade de atividades, ausência de trabalho com a consciência fonológica e, como já apontamos, propostas que se repetem ao longo de todo o livro, na seção "Colecionando Letras", com enunciados que solicitam às crianças que cubram e copiem letras, identifiquem palavras em textos ou frases e reflita sobre os sons iniciais das palavras.

Com relação às entrevistas, percebemos semelhanças e diferenças entre os princípios e as práticas relatadas pelas professoras quanto ao uso do livro didático e ao ensino da escrita na Educação Infantil. Em relação à professora A, vimos que ela tem mais tempo de docência na educação e mais tempo de atuação na escola em que dava aula para o grupo 5. Inferimos que a rotina da PA tem propostas de atividades mais estruturadas e que a professora apresenta ressalvas quanto ao conteúdo apresentado no livro didático Porta Aberta, classificando-o como repetitivo, o que a levava a buscar outras formas de complementar as atividades, tendo o livro como suporte. Apesar desse posicionamento crítico frente às limitações do Porta Aberta, a professora faz uso sequencial do livro didático, incluindo ele em sua rotina cerca de três dias na semana. Além disso, as atividades que considera importantes para a apropriação do SEA tem como foco o ensino das letras, das sílabas e de seus sons, assim como preconiza a PNA e o Porta Aberta.

Já a Professora B, que tem uma formação mais recente e menor tempo de experiência docente, relata uma rotina em que se destacam as brincadeiras e as interações, os livros de literatura e o trabalho com sequências didáticas. Embora possamos perceber que a PB faz um esforço para proporcionar às crianças experiências diversificadas de aprendizagem da cultura escrita, o conteúdo que constitui o foco de sua prática pedagógica também é o ensino das letras. A PB não faz uso sequencial do Porta Aberta e destaca que pode utilizar as atividades da forma como ele propõe ou alterá-las de acordo com seus objetivos. Entre as atividades que considera importante para desenvolver com as crianças sobre o

sistema de escrita, a PB também destaca aquelas que envolvem o nome, para trabalhar as letras e seus sons.

Assim, concluímos que as professoras utilizam o livro didático *Porta Aberta* mesmo reconhecendo suas limitações quanto à garantia dos direitos de aprendizagem das crianças e à presença de atividades repetitivas, percebendo até que as crianças começam a desenvolvê-las de forma mecânica ao longo das unidades. A perspectiva constatada nos relatos das professoras mais se aproxima da primeira concepção descrita por Brandão e Leal (2010) quanto à obrigatoriedade em alfabetizar já na Educação Infantil, além de concordar com o que indica a PNA sobre um ensino transmissivo e preparatório para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Como afirmam Brandão e Albuquerque (2021), não há lógica que justifique a apresentação isolada das letras do alfabeto, uma vez que elas já estão na escrita das palavras que as crianças têm contato diariamente. Os documentos oficiais, elaborados e impostos recentemente sobre Educação Infantil e Alfabetização, reforçam o desenvolvimento de práticas tradicionais e desconsideram os conhecimentos e as experiências essenciais para as crianças nessa trajetória. Portanto, compreendemos a necessidade, indicada por Brandão e Albuquerque (2021), de reflexão pelas professoras sobre como desenvolver esse trabalho com suas turmas de forma significativa e contextualizada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; FERREIRA, Andrea Tereza Brito . *Programa nacional de livro didático (PNLD): mudanças nos livros de alfabetização e os usos que os professores fazem desse recurso em sala de aula*. Ensaio (Rio De Janeiro. Online), v. 27, p. 1-21, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002701617>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ARAUJO, Renata Adjaína Silva de. *Os usos do livro didático na Educação Infantil: uma análise da construção de práticas de ensino de leitura e escrita*. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2020.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. A aprendizagem das letras na Educação Infantil: as inimiguinhas em ação? IN: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. (Orgs.). *A aprendizagem inicial da língua escrita com crianças de 4 e 5 anos: mediações pedagógicas*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 87-113.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; GIRÃO, Fernanda Michelle Pereira. “A leitura e a escrita das crianças e com as crianças”.IN: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. (Orgs.). *A aprendizagem inicial da língua escrita com crianças de 4 e 5 anos: mediações pedagógicas*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 39-

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LEAL, Telma Ferraz. “Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que isso significa?” In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Souza. *Ler e Escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 13-31.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. *Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional*, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Edital de Convocação Nº 02/2020 – CGPLI Programa Nacional Do Livro E Do Material Didático 2022*. Brasília: DF, 2020. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/13526-edital-pnld-2022>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Edital de Convocação Nº 01/2017 – CGPLI. Edital de Convocação para o Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticos para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático 2019*. Brasília: DF, 2017. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70041-edital-pnld-2019-pdf/file>> .Acesso em: 20 abr. 2023

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC, SEALF, 2019.

COUTINHO-MONNIER, Marília de Lucena; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; SOUZA, Sirlene Barbosa de. “Práticas de alfabetização com uso dos materiais do programa alfa e beto e de livros didáticos do pnld: o que fazem as professoras? o que os alunos aprendem?”. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; FERREIRA, Andrea Tereza Brito. (Org.). *Práticas de Alfabetização: o lugar dos livros didáticos na organização do trabalho docente*. 1 ed. Curitiba: CRV, 2021, v. 1, p. 117-146.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *A psicogênese da língua escrita*. São Paulo: Artmed, 1999.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. Revista de Administração de Empresas. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, 1995a. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/20594>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

GODOY, Arilda Schmidt. *Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais*. Revista de Administração de Empresas. Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S.Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995b. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/20595>>. Acesso em: 20 abr. 2022

LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco. *Os processos de alfabetização e letramento na Educação Infantil: contribuições teóricas e concepções de professores*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MORAIS, Artur Gomes de. Análise crítica da PNA (Política Nacional de Alfabetização) imposta pelo MEC através de decreto em 2019. *Revista Brasileira de Alfabetização*, v. 1, n. 10, 25 mar. 2020.

SILVA, Maria da Conceição Lira da. *Leitura e escrita na Educação Infantil: práticas de ensino de professoras participantes do curso de formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SOARES, Magda. *Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. Aprendizagem lúdica. [Entrevista concedida a] Rubem Barros. *Revista Educação*, São Paulo, v. 1, 2011. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2011/11/01/aprendizagem-ludica/>>. Acesso em: 20 abr. 2023